

cruzamento

PUBLICAÇÃO DA RESPONSABILIDADE PARÓQUIA DO SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR PADRE
JOAQUIM MARIO
AREAL ANDRADE

EDITORIAL

COM O MENINO

A nossa vida é feita de ritmos cíclicos que nos retiram do comum dos dias.

Entre as feiras da nossa semana, temos sempre uma féria que, devendo coincidir com o domingo, as obrigações laborais, infelizmente, muitas vezes atiram para outro dia. É uma pausa semanal que, além de dela termos direito, deverá ser vivida para o nosso equilíbrio e para podermos gozar de um tempo que fazemos festivo e nos traz a alegria de viver.

Sem querermos abordar a pausa (ou pausas) anuais de férias, temos também naqueles dias que apelidamos de feriados, umas compensações extras à nossa labuta diária, que não deverá ser mais que a nossa contribuição na criação do mundo pedida por Deus. Estes feriados, oficiais ou particulares,

ansiados por todos, são festejados de inúmeras maneiras. Quer com maior descanso, quer com actividades lúdicas, quer com o tempo (da falta do qual



sempre nos queixamos!) para os sonhos que desejamos...

Com o advento de uma época em que o laicismo (mais que a laicização) impera, as pausas religiosas são postas em causa

na sua essência (mas não no seu efeito, visto que todos desejam os feriados!), esvaçando, e muito, aquilo para que foram criados. O importante parece ser "ter" o feriado, mas não "festejar" o feriado. E, claro, se ele vier próximo de um fim-de-sema-

na, com possibilidade de se gozar daquilo a que se chama ponte com aspecto de mini férias, então a receita é perfeita!

Com isto, perdemos imenso

da nossa cultura, e damos razão à publicidade de há alguns anos que afirmava que "a tradição já não é o que era"!

De facto, a nossa tradição natalícia, que vemos retratada em tantos e tantos autores portugueses, que nos contam histórias de Natal de aldeias e cidades por esses montes e vales além, era da ceia natalícia antes ou depois da inevitável Missa do Galo, em que todos faziam questão de estarem presentes.

As prendas, os enfeites e quejandos, surgiram depois, e são legítimos para embelezar o essencial da festa que é a presença do Deus-Menino entre nós. E é, apenas, isto que nos deve alegrar e levar a festejar esta data.

É também por isso que somos sempre convidados a estarmos com o Menino na Missa do Galo.

O Pároco

CONCERTO DE NATAL

Faltam palavras para se adjetivar o Concerto de Natal que a paróquia promoveu no passado dia 5, no âmbito dos 50 anos da sua existência.



Foi uma noite fantástica em que três coros nos proporcionaram, com muita qualidade, a possibilidade de disfrutarmos de músicas natalícias, desde a tradição popular portuguesa a diversos autores internacionais.

Foram convidados o Coral do Porto do Club Portugal Telecom

(Zona Norte), e o Coral Bicas da Senhora da Hora Associação Cultural, que se fez acompanhar pelo Coral Infantil. Claro que da parte da nossa paróquia formou-se um outro coral com os elementos dos 3 coros que quiseram aderir a esta iniciativa. E, passando a modéstia, também por nunca terem estado em situações similares, deslumbra-ram com o trabalho feito.



No final, os três coros cantaram em conjunto o "Adeste Fidelis", de uma forma memorável, e



que foi longamente aplaudido pelo meio milhar de pessoas que estiveram presentes.

Queremos deixar um agradecimento aos organistas (Beatriz Gouveia David, Mário Santos e José António Machado) e aos directores dos coros (Sandra Gouveia, Sérgio Martins, Paula Ferreira e Sílvia Lobo), além dos solistas (Isabelle Furtado, Cátia Sousa e Laurinda Rodrigues), por todo o trabalho realizado.

E parabéns aos grupos corais da nossa paróquia que, aceitando este desafio, organizaram, com muita dedicação, tão espetacular evento.

REGISTOS PAROQUIAIS

Baptizados

Ana Rita Fernandes Maia
Ariana Safira Fernandes Maia
Eduardo Rafael Pereira Duarte
Katerina Villarmosa Pinto
Leonor Isabel Rodrigues Osório
Pedro Almeida Oliveira
Rita Magalhães de Miranda
Rodrigo Miguel Alves Guerra

Casamentos

André Filipe Rodrigues da Silva
e Marta Raquel da Silva Barbosa

Bodas de Prata

Américo Casimiro Pereira Marinho
e Aurora Maria Alves Sousa Marinho

Óbitos

Albertina Joaquina de Souza
Albina Maria Coelho
António Rodrigues da Costa
Bernardino Fernando Silva de Castro
Comba Penaforte
Custódio Ferreira Maia
Deolinda da Silva de Jesus
Elisa Rosa Oliveira da Silva Santos
Ida Maria Teixeira Ribeiro Lima
Laurinda do Carmo
Maria Alice Pereira M. Rodrigues
Maria do Carmo Ferreira Silva
Maria Fernanda Ribeiro
Maria Guiomar de Andrade
Mária de Oliveira
Maria Ondina Correia Dias S. Almeida



«QUE A PESSOA SEJA O CENTRO E NÃO A ECONOMIA»

O Papa Francisco fez no dia 25 de Novembro a viagem papal mais curta da história. Esteve no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, onde deixou a sua mensagem.

No seu discurso, o Papa convidou os eurodeputados a “construir juntos a Europa, que não gire em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana, dos valores inalienáveis”. Uma Europa “que abrace com coragem o seu passado e olhe com confiança o seu futuro para viver plenamente e com esperança o seu presente”.

O Papa destacou que “o ser humano corre o risco de ser reduzido a uma mera engrenagem de um mecanismo que o trata como um simples bem de consumo para ser utilizado, de forma que - lamentavelmente o percebemos muitas vezes - quando a vida já não serve para tal mecanismo ela é descartada sem muitos cuidados, como no caso dos doentes terminais, dos anciãos-abandonados e sem atenções, ou das crianças assassinadas antes de nascer”.

Depois considerou fundamental “o património que o cristianismo deixou” o que “não cons-

titui uma ameaça para a laicidade dos Estados e para a independência das instituições da União”. E que graças “às próprias raízes religiosas”, pode defender-se melhor de “tantos extremismos que se expandem no mundo actual, também por causa do grande vazio no âmbito dos ideais”, porque “é justamente este esquecimento de Deus, em vez da sua glorificação, o que gera a violência”.

Falando sobre a perseguição religiosa, pediu também para não haver esquecimento das “várias injustiças e perseguições que sofrem diariamente as minorias religiosas, e especialmente cristãs, em várias partes do mundo”.

A seguir insistiu sobre a necessidade de investir na família e na educação: “Dar esperança à Europa não significa só reconhecer a centralidade da pessoa humana, mas implica também favorecer as suas qualidades”. Por esta razão, é preciso “investir nela e em todos os âmbitos nos quais os seus talentos se formam e dão fruto”, disse.

“A primeira área é, certamente, a da educação, começando da

família, célula fundamental e elemento precioso de toda a sociedade”.

O Pontífice também entrou na questão da defesa da criação: “A Europa sempre esteve na vanguarda de um compromisso louvável em favor da ecologia”, esclarecendo que os homens são “guardiães, mas não proprietários”.

Sobre o trabalho lembrou que “é hora de promover as políticas de emprego, mas é necessário, acima de tudo, voltar a dar dignidade ao trabalho”, que “não se dirija à exploração das pessoas, mas a garantir, através do trabalho, a possibilidade de construir uma família e de educar os filhos”.

Referindo-se à migração, disse: “Não podemos tolerar que o mar Mediterrâneo se transforme em um grande cemitério”, e pediu “legislações adequadas que sejam capazes de proteger os direitos dos cidadãos europeus e de garantir ao mesmo tempo a acolhida aos imigrantes”.

Além disso, indicou que “a consciência da própria identidade é essencial nas relações



com os outros países vizinhos”, particularmente com aqueles que “sofrem por causa de conflitos internos e por causa da pressão do fundamentalismo religioso e do terrorismo internacional”.

Concluindo, o Papa afirmou que “dois mil anos de história unem a Europa e o cristianismo. Uma história em que não faltaram conflitos e erros, mas sempre animada pelo desejo de construir para o bem”. E convidou a “promover uma Europa protagonista, transmissora de ciência, arte, música, valores humanos e também de fé. A Europa que contempla o céu e persegue ideais; a Europa que olha, defende, e protege o homem; a Europa que caminha sobre a terra segura e firme, precioso dom de referência para toda a humanidade”.

in Zenit



CANTINHO DOS ACÓLITOS

NATAL - UMA FESTA NO CORAÇÃO

Todos sentimos que o Natal é uma festa que começa num lugar pequenino que cabe no coração de todos. Para os cristãos, e particularmente para nós acólitos, o nascimento de Jesus na gruta de Belém é o centro do Natal.

Mas o presépio não é apenas um lugar, é um presente que Deus nos deu através do "Sim" de Maria.

A gruta não tinha nada para oferecer, nem conforto, nem comodidade, mas na sua pobreza, no seu tão pouco para dar, Deus quis que fosse o seu refúgio e a sua morada. Deus não se preocupou se o seu filho ia nascer pobre, preocupou-se em confiá-Lo a quem tratasse bem dele e, sobretudo, que O amasse.

A palavra Presépio deriva do latim "praeseptum", que quer dizer curral, estábulo ou lugar de recolha de gado.

Foi S. Francisco de Assis que, com a permissão do Papa, criou um presépio com

figuras humanas e animais, recriando o local de nascimento de Jesus, que serviu de pano de fundo para a missa de Natal. Esta representação teve tanto sucesso, que se tornou numa refe-

rência Cristã, representativa do Natal, em quase todo o mundo.

Em Portugal, o presépio tem tradições muito antigas (por volta do séc. XVII).

É colocado no início do Advento sem a figura do Meni-

no Jesus, que será posta na noite de Natal, após a missa do galo. O presépio é desmontado no dia seguinte ao dia de Reis.

Pedro Martinho





IDADE DA SABEDORIA

A PARTILHA

Como é bom viver no Padrão da Légua que, apesar do regresso do frio, nos oferece diariamente uma boa dose de aconchego e que aquece os nossos corações. De celebração em celebração, Deus dá-nos sempre um motivo para estarmos em festa e em convívio.

No passado dia 16 de Outubro foi o dia da alimentação. Festejamos em conjunto com duas salas do Infantário, servindo-se um lanche onde se provou uma deliciosa compota. Estava maravilhosa, alguém dizia, ou não tivessem sido as mãos dos nossos idosos a triturar a abóbora, por isso teve outro sabor! No dia anterior haviam descascado 10 Kg de abóbora para fazer compota. Entre todas, e enquanto partilham tarefas, há sempre quem diga uma graça e, como é de prever, as gargalhadas são contagiantes.

Já no fim do mês participamos com o nosso coro dos idosos numa noite solidária na junta de Freguesia Leça do Balio. Foi uma noite bem

passada, onde todos ficaram deliciados. "Eu por mim adorei, as canções eram bonitas e cheguei a ouvir alguns elogios feitos pelas pessoas presentes. Eu como gosto de cantar adorei, oxalá se repita. A nossa participação foi com o fim de angariar fundos para a compra de ajudas técnicas para os mais necessitados". (D. Manoela, 86 anos).

É sempre gratificante ajudar os outros em ambiente de festa.

Em Novembro, para além das actividades habituais, comemoramos o S. Martinho. Como já vem sendo hábito tivemos a companhia dos meninos do nosso Infantário que contaram adivinhas, dançaram e cantaram com os idosos. No fim, não faltaram as castanhas.

No presente mês começaram os preparativos para a festa de Natal. Os presépios e as árvores já estão a decorar o espaço. Já cheira a Natal! Os ensaios para as representações natalícias também já começaram. Vivemos, assim,



num ambiente caloroso de confraternização e de são convívio. "Gosto muito de estar neste Lar, gosto muito de todo o pessoal e de todos os utentes com quem convivo". (D. Amélia Proença, 79 anos).

Importante é também referir que, apesar destes convívios, há também quem goste de se sentir refugiado nos seus dotes artísticos individuais. Cada um tem uma história, cada um tem um talento. Prova disso é o Sr. José Quelhas (82 anos) que, desde meados de 2013, tem dedicado o seu tempo a um projecto individual. No final de Novembro deste ano deu-o por terminado e no início de Dezembro deu-o a conhecer a todos nós. Encontra-se, desde então, em exposição na entrada principal do Lar "Mãe de Jesus". Falamos na

demonstração de todo o edifício que é o Lar, sob a forma de maquete, nascida e criada pelas mãos deste engenhoso utente. Trabalho digno de ser visto e admirado.

E é assim que, embebidos nas nossas tarefas, aguardamos com expectativa a chegada do Menino Jesus e, com Ele, a chegada de muitos mais momentos como os que temos vivido.

É com júbilo que fazemos coro às palavras enunciadas pela D. Maria Natividade (74 anos) e pela D. Adelaide Magalhães (86 anos): "a todos um Feliz Natal, um bom ano 2015, que todos tenhamos trabalho, muita saúde e paz para todo o mundo".

Conceição Rocha

CONTO DE NATAL

Cândido Figueiredo é um dos muitos escritores portugueses que nos deixaram contos de Natal. O retirar de algumas partes do seu Conto de Natal, além de enfeitar esta época, é um convite a lê-lo integralmente, bem como aos outros autores portugueses.

(...) À beira do povoado, uma pequena casa, assobradada, pintada e garrida, cuja cobertura de telha contrasta singularmente com a ardósia que reveste superiormente as demais habitações, ressalta do conjunto destas e revela que o seu morador, se não é rico, frui pelo menos comodidades muito superiores às dos seus conterrâneos.

Mora ali um filho do lugar, João Marques, a quem chamam o Brasileiro; porque foi em criança para o Brasil, e lá adquiriu meios, que lhe facultam agora uma desafogada e decente mediania.

Tinha 15 anos o Marques, quando a morte do pai, o único sapateiro do Janardo, o deixou a ele e à mãe numa extrema penúria. Atraído e tentado por um enganador de

Muna, João Marques, numa noite de Natal, abraçou-se à mãe, coberto de lágrimas, protestou que, se vivesse e adquirisse alguns haveres no Brasil, lhe viria suavizar os últimos anos; e, em memória daquela triste noite, prometeu à sua consciência que, se tornasse a abraçar sua mãe, a primeira Missa do Galo, na sua freguesia, seria por ele mandada cantar e acompanhar de música, em acção de graças por tanta ventura.

Foi-se o mocinho para o Maranhão, e lá trabalhou e tressuou, no encalço da estrela, que a esperança lhe acendia no seu estreito horizonte. Bafejou-o a boa fortuna; e quando, ao cabo de 14 anos, deu balanço aos seus haveres, verificou que possuía vinte contos fortes, o que, entre povos do Caramulo, representaria uma riqueza enorme. Novo ainda, e sem ambições desmedidas que não fossem as de viver tranquilo ao lado de sua mãe, voltou a Portugal, mandou construir alegre e cómoda vivenda no lugar do casebre paterno, e ali se julgava feliz ao lado da mãe, quando a morte desta lhe veio

aguar a felicidade, entenebreando-lhe a alma, na mais completa solidão de afectos.

A gente do povo, atribuindo a orgulho aquele insulamento e misantropia, olhava-o de soslaio e murmurava: Olhem a soberbia! O cachaúdo! Nem já se lembra que é filho de sapateiro! Para os Brasis é que ele deve voltar, que não vem cá mingua.

Em geral, o povo que não gostava do Marques, e este, reflexionando sobre a sua situação, concluíra que não devia viver ali, nem nada tinha ali já, que o prendesse, e resolveu tornar para o Maranhão. Mas não devia tornar para lá, sem cumprir, que fizera, de mandar cantar uma Missa do Galo na igreja do Guardão, se voltasse a Portugal e abra-

çasse a mãe. Por isso, havia convidado dois padres de Santa Eulália, para acolitarem o celebrante; e a filarmónica de Molelos, para acompanhar a missa.

Chegava a noite da festa, noite fria, noite estrelada, cheia de luar e de silêncio. Havia gente no Janardo, e gente velha, que se não lembrava de assistir a uma Missa do Galo. Missa cantada e com música, isso então era oiro sobre azul. Pena era que fosse o Brasileiro quem fazia a festa. As más línguas tinham de calar-se por algumas horas e chegavam a concordar em que, às vezes, o diabo não é tão feio...

(...) Nisto, soava a terceira entrada para a Missa do Galo, e, a pouco trecho, a gente do Janardo transpunha a porta



principal da igreja matriz. Entrementes, um repique de sinos anunciava que o celebrante ia sair da sacristia para o altar. O sacristão acendia os castiçais da banquetta, e a filarmónica, no coro, afinava os instrumentos.

A igreja estava cheia, ficando vazia apenas uma estreita faixa central do pavimento, em todo o comprimento da igreja, para dar passagem ao abade, quando, ao fim da missa, fosse oferecer o Menino Jesus aos beijos dos fiéis.

Do lado da Epístola, o brasileiro, o regedor e outros paroquianos dos mais grados, recuaram um passo para deixar passar os sacerdotes, que se dirigiram ao supedâneo do altar, inclinaram-se com reverência diante da cruz e começaram o santo sacrifício. Sobre o altar, do lado do Evangelho, o Menino Jesus, rosado e loiro, deitado em caminha de cambraia, arrendada e engomada pelas sobrinhas do abade, parecia sorrir a todos e abençoar a festa.

O Marques ufanava-se da sua obra, e só sentia que tão pouco a merecessem os seus rudes compatriotas. Verdade é que não foi por eles que fez e



cumpriu a piedosa promessa; mas dava-lhes um momento da mais pura e intensa satisfação, e eles... nada lhe agradeciam.

A ingratidão é a história de todos os tempos. E com esta ideia se consolava o Brasileiro, aguardando o ensejo de voltar às terras, onde melhor o conheciam e prezavam, e onde ninguém o depreciaria com alusões à memória de seu honrado pai.

(...) Finda a missa, o abade tomou amorosamente nos braços o Menino Jesus, e desceu o supedâneo. Os fiéis, que ladeavam o altar-mor, abeiraram-se do Menino Jesus e beijaram-lhe devotamente os pés.

Seguidamente, os dois casti-

çais, que alumiam a camilha do Menino, foram entregues ao regedor e ao brasileiro, para acompanharem o abade no prosseguimento da cerimónia. Foram descendo a capela-mor, e os pequeninos pés do Menino-Deus iam recebendo, com os ósculos dos fiéis, o preito que não cabe aos homens e o reconhecimento da mais absoluta vassalagem.

A orquestra entretanto, pela voz dos violinos e das flautas, lembrava as saudações dos pastores da Judeia, diante do presépio de Belém.

Da capela-mor, de entre a chusma dos homens, foi o Deus-Menino levado ao corpo da igreja, por entre os estrados em que ajoelhavam as mulheres. As mulheres

erguiam-se, vinham ao centro da nave, ajoelhavam diante do abade, depunham o seu ósculo nos pés da pequenina imagem, erguiam-se, baixando os olhos, e retomavam o seu lugar.

Depois da missa, músicos e padres dirigiram-se à pequena adega do abade, onde havia refeição de torresmos e queijo de ovelha, por conta do brasileiro, refeição que terminaria por um magusto no quintal da residência.

João Marques tinha que assistir à refeição; e as mulheres de Janardo, não ousando regressar a suas casas sem a companhia da espingarda e dos cães do Brasileiro, amesandaram-se à porta da igreja, aguardando João Marques. Alguns rapazes fizeram-lhes companhia. Os demais, os mais audazes ou mais sonolentos, abalaram para as suas camas de feno.

Quando os músicos e os padres saíam da adega para o quintal, deu fé o Brasileiro de que havia gente de Janardo à sua espera. Pediu e conseguiu que o abade desse entrada àquela pobre gente e que o magusto fosse para todos. (...)



É ASSIM NO ENCANTO...

EDUCAÇÃO VEM DO BERÇO

Na sociedade em que vivemos a educação é algo fundamental para que a humanidade se desenvolva em todos os sentidos, desde economicamente até culturalmente. Nos dias de hoje torna-se ainda mais urgente não esquecer o papel da família em investir naquilo que dinheiro nenhum pode comprar e que nenhuma instituição de ensino pode ensinar para qualquer pessoa, que é a educação dada no seio familiar e que faz toda a diferença na convivência em sociedade.

A família é a célula de base da sociedade. Nesse sentido são os pais os primeiros educadores, e, desde o início, estão incumbidos de prepará-los para a vida. A educação vem do berço, sim.

Educar, é colocar limites. Não é permitir a filosofia do "laissez-faire", do "cada um pra si e Deus pra todos" e só alisar a cabeci-

nha de crianças e adolescentes mimados. Isto tem dado resultados catastróficos. Educar é estar presente com amor, carinho e valorização, mas sem permitir que os filhos cruzem a "linha vermelha" (Valmor Bolan).

Tal tarefa, ainda que exigente, não pode deixar de ser exercida com autoridade. A ideia de limite na educação dos filhos, que não raras vezes é compreendida equivocadamente como imposição de castigo ou punição, deve ser percebida como um processo de formação da personalidade da criança, um marco na sua socialização, que envolve, entre outras condutas, a compreensão, o diálogo, o convívio e o respeito. É através de tais condutas, que são transmitidos valores éticos sólidos capazes de fazer com que a criança ajuste os seus comportamentos às exigências da vida e obedeça a regras básicas de convivência.

A imposição de fronteiras aos filhos, desde que apropriadas, ensina-os a compreender a posição dos pais, os quais, aliás, não devem sentir-se culpados por estarem grande parte do dia afastados do lar, ou pelo facto de dizerem "não" aos seus filhos. Nesses casos, muitos deles procuram compensar sua ausência com condutas permissivas, apelando à via ilusoriamente fácil das "compensações", que vão desde a concessão de liberdade desmedida até à falta contínua de respeito e de cumprimento de qualquer dever. Pelo contrário. A sua ausência devido à sua atividade profissional não significa falta de amor ou atenção, mas sim, dignidade para o seu sustento.

Neste sentido o nosso Projeto Curricular de Centro, assim com o das Salas, têm tido sempre presentes as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, numa perspectiva de colaboração entre o jardim-de-infância e as famílias.

A nossa prática pedagógica em parceria, destaca o papel do/a educador/a de infância, dos pais e avós. Este ano no nosso Projeto, Família/Instituição - "Um desafio partilhado", planificamos um conjunto de atividades em que pais, avós e utentes do lar são desafiados a colaborar e têm um papel fundamental na dinâ-

mica curricular desenvolvida.

Quero destacar a atividade de S. Martinho em que todo o Jardim-de-infância vivenciou esta tradição com os idosos do Lar Mãe de Jesus. O meu grupo partilhou uma dança, em que existiram vários ensaios e se foram criando laços, que ainda hoje dão frutos, quer idosos, quer crianças perguntam pelo par com quem dançaram. Isto é carinho pelo outro...

Este carinho pelo outro é um dos valores, que nós educadores pretendemos que as nossas crianças interiorizem no tempo de preparação para o Natal, pois Natal não pode ser só presentes e pai natal, mas sim O DIA DOS ANOS DO NASCIMENTO DE JESUS.

Outro valor não esquecido é o de sermos solidários e neste sentido têm sido dinamizadas várias actividades, na qual todas as famílias, instituição e comunidade se têm envolvido e empenhado, para todos um bem comum!

Que neste Natal todas as famílias sintam ainda mais forte o significado da palavra AMOR, para que, assim, vivam mais felizes.

Lurdes Carneiro

JÁ CHEIRA A NATAL NO A.T.L.

Com o término do 1º período chegam as ansiadas férias de Natal. Sem dúvida, as mais queridas entre os nossos alunos. É magia, alegria, presentes e brincadeira que eles esperam nesta época.

Por cá, há muitas atividades preparadas para fazermos juntos, como se aplica a esta quadra dentro do espírito de ajuda e partilha. Entre elas, culinária com um chefe, expressão plástica para elaborar a prenda de Natal, entre outras...

Vamos agora, mostrar-vos como vêem por aqui o Natal as nossas crianças e como o sentem.

É estar com a família e conviver com os primos.
(*Mariana 4º ano*)

Gosto dos presentes e brincar na neve.
(*Inês Rocha 1º ano*)

Gosto de receber presentes grandes e pequenos.
(*Francisca 4º ano*)

Celebra-se o nascimento de Jesus e gosto de enfeitar a casa.

(*Inês Pereira 4º ano*)

Estar com a família reunida, cantar os parabéns ao Jesus e cantar canções de Natal.

(*João 1º ano*)

É estar em família, receber presentes e jantar com os primos.

(*Marta Filipa 4º ano*)

Estar com familiares e partilhar carinho.

(*Catarina Isabel 7º ano*)

Natal é alegria jantar com a família e receber a boneca do Frozen.

(*Filipa 2º ano*)

É festa em família, o nascimento de Jesus e adoro a cor à volta desta época.

(*Inês Pinto 6º ano*)

O Natal é festa em família e troca de prendas.

(*Raquel 6º ano*)

É alegria, emoção e férias.
(*Diogo Silva 5º ano*)



O principal é o afeto e a família.

(*Afonso 5º ano*)

O Natal não é só prendas, é família, paz, amor, tolerância e tudo de bom.

(*Raul 4º ano*)

Temos de ajudar os outros a serem fiéis e terem alma natalícia.

(*Marta Francisca 4º ano*)

O Natal é a época mais feliz.

(*André 4º ano*)

É uma estrela brilhante que ilumina os nossos corações.

(*Guilherme 1º ano*)

É quando somos solidários e ajudamos os que nada têm.

(*Francisco 4º ano*)

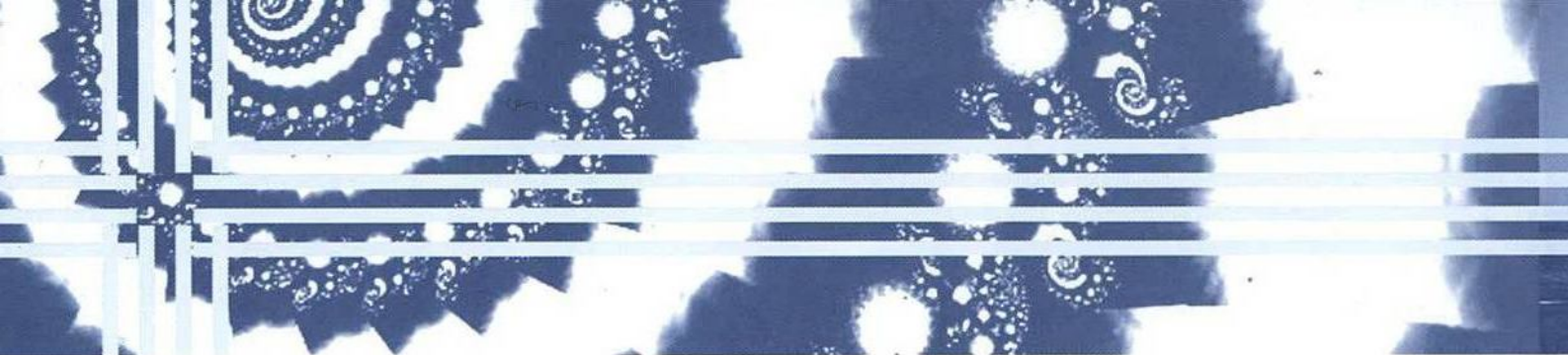
No Natal a paz liberta-se, as crianças ficam felizes, as luzes acendem-se, Jesus nasce e a magia aparece.

(*Cristina*)

Nada melhor que as palavras das crianças para nos recordar o Natal!

A nossa equipa (esta família) deseja a todos um santo e Feliz Natal! Até ao ano....

Cristina Barbosa



PRESÉPIO E FAMÍLIA CRISTÃ

Nestes dias, famílias de todo o mundo preparam-se para montar o presépio. Muitas famílias perderam essa tradição, talvez porque se perdeu o sentido sagrado da representação do nascimento de Jesus. A maior dificuldade de muitas pessoas do nosso tempo é contextualizar, nos acontecimentos actuais, o misterioso evento do Nascimento de Jesus.

Quando falamos de Maria e José com o Menino Jesus, imediatamente vem à mente a Sagrada Família de Nazaré, o modelo de qualquer família cristã, que testemunhou a santidade por muitas provações e tribulações vividas.

Maria e José foram rejeitados quando chegaram a Nazaré para o censo ordenado por decreto de César Augusto. Esta situação recorda a situação de muitos migrantes que por vários motivos são forçados a deixar as suas terras por causa da pobreza, da guerra e das perseguições políticas. Deixam os seus países de origem em busca de um futuro melhor, mas, muitas vezes, encontram as portas fechadas nas fronteiras dos estados, que os rejeitam porque eles não têm todas as permissões. E quando

conseguem entrar, vem negado um contrato de trabalho regular que lhes permita ter tudo o que precisam para ficar no país estrangeiro. Eles são explorados, privados do direito de receber uma remuneração adequada, sem o direito às férias e de contribuir para a reforma.

Outros protagonistas da cena da Natividade são os pastores, que representam os excluídos e rejeitados de todos os tempos da história, são os que vivem à margem da nossa sociedade. Podemos reconhecê-los em muitas categorias de pessoas, e ver neles os que perderam o emprego e vivem na expectativa de recuperar a dignidade perdida.

Esses pastores são a imagem de muitos casais inférteis que esperando abraçar um filho, alegam-se com o anúncio da boa nova do início de uma gravidez ou do nascimento de um filho tão desejado. Esses pastores simbolizam os pais adoptivos que, depois de tantas vigílias, deixam tudo para correr e abraçar os seus filhos que se encontram em moradias precárias e sofrem o frio do abandono. Esses pastores representam, ainda, muitos pais de família que vivem o flagelo da separa-

ção ou do divórcio e esperam as festas para abraçar os seus filhos e passar um tempo com eles.

O Rei Herodes é a personificação do mal, que está sempre presente, em cada período da história, para obstruir e destruir o projecto de Amor de Deus. A descarga de poluentes nos mares e rios, a desflorestação de áreas verdes do planeta, o aumento da poluição no ar, a introdução da cultura do género, a prática cada vez mais comum do aborto, as guerras ao redor do mundo, a queda no número de casamentos cristãos, as reivindicações para equiparar a família natural composta de homens e mulheres a outras formas de união, são tentações através das quais o príncipe deste mundo quer destruir o planeta em que vivemos e, sobretudo, tomar posse de muitas almas.

Diante desse imperioso avanço do mal, a esperança proposta pelo presépio é o nascimento do Menino Jesus, a plenitude divina contida no corpo de um recém-nascido. Esta criança recorda-nos que a vitória sobre o mal não se realiza pela força da violência ou com a crueldade da guerra. O Menino Jesus pede para ser acolhido, amado e

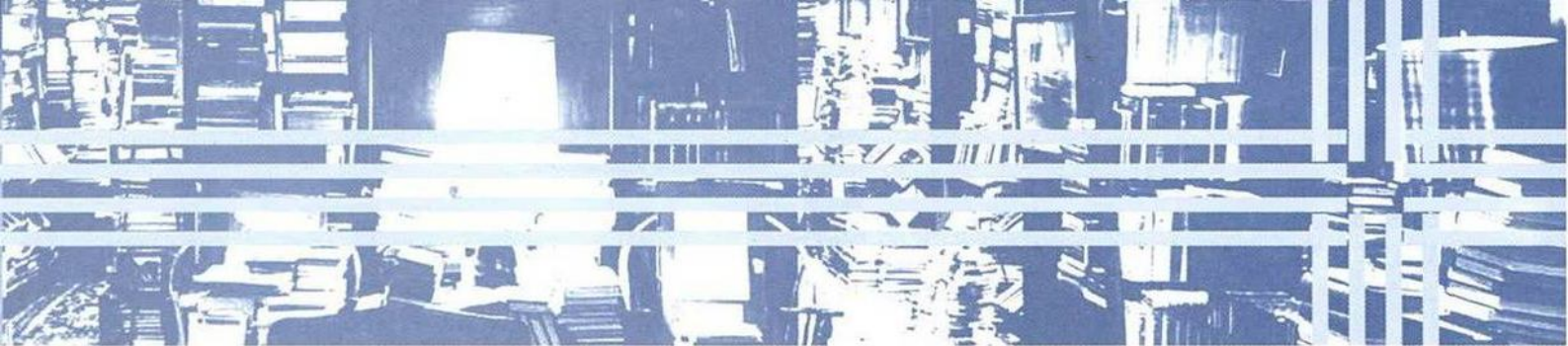
servido, como qualquer criança que vem ao mundo. O amor é a arma que vencerá os poderes deste mundo.

Olhando para o Menino Jesus recuperamos a confiança e a esperança, porque sentimos a presença de um Deus que é capaz de fazer-se pequeno para estar perto de cada criatura humana. A única condição pedida é fazer-se também pequeno, inclinando-se para abraçá-lo e tê-lo nos braços, e prostrar-se diante dele para adorá-lo.

Com esta actualização dos personagens do presépio e com esta confiante esperança no Menino Jesus, nós nos preparamos para montar nas nossas casas esta representação da Natividade, para transformar as nossas famílias em lugar do verdadeiro acolhimento da encarnação do Filho de Deus, que deseja habitar em cada casa.

Oswaldo Rinaldi





O PLANO DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS

Apresentamos mais um respigo da história da nossa paróquia, quando celebramos os 50 anos da sua existência, continuando a apoiar-nos na resenha histórica que o Sr. Filipe Pacheco, que viveu de forma intensa esse período, nos deixou.

Na já citada fase preparatória de trabalhos incluiu-se a elaboração dum programa; tudo estava a ser pensado em pormenor. Desse programa constavam três fases de construções, cujo conjunto constituiria uma "Estrutura Paroquial" definitiva: 1ª Fase - Construção só da igreja; 2ª Fase - a Casa Paroquial e o Presbitério; 3ª Fase - a Hospedaria (Diaconias e Serviços do S.A.D. - Serviço de Angariação e Distribuição).

Para a 1ª Fase estava prevista a necessidade de 1.000 contos. A Comissão de Fomento estuda um "Grande Plano de Angariação de Fundos", apresentando ao Conselho da Fábrica da Igreja um modelo de "TÍTULOS IGREJA NOVA", cuja subscrição será proposta a toda a Comunidade, segundo a capacidade económica de cada um.

O modelo apresentado tinha um desenho e dizeres que traduziam uma preocupação de sim-

plicidade e dignidade, próprias duma Comunidade que daqueles atributos pretende ser exemplo. O modelo foi aprovado e a Comissão de Fomento resolveu fazer um Comunicado à população, que foi entregue porta-a-porta, com o título IGREJA NOVA - Janeiro - 1969, que se iniciava com a frase afirmativa "AGORA É CHEGADA A HORA!" E prosseguia: "Caros Paroquianos. Em Junho do ano passado vos anunciámos uma grande alegria: temos um grande e belo terreno para construir a Igreja Nova. Agora vos comunicamos: vamos construir a Igreja Nova. 1ª Fase: É necessário 1.000.000 de escudos. O milhão foi dividido em Títulos de 20\$, 50\$, 100\$, 500\$ e 1.000\$. Cada um pega no que pode. Se todos pegarem na sua parte, rapidamente levantaremos a OBRA! Em Outubro deste ano queremos começar as obras! Agora é a hora. AGORA e não depois de amanhã! "A COMISSÃO DE FOMENTO".

No verso deste Comunicado foram inseridas duas plantas desenhadas: ao alto a da Capela provisória na Arroteia, com os dizeres "Da pequena Capela Provisória à IGREJA PAROQUIAL definitiva"; e seguia-se a planta à escala 1/200, sob o título "Estudo prévio da Igreja Nova -

1ª Fase" em que podiam ler-se as várias localizações do altar, da assembleia (para 500 pessoas), coro, fonte baptismal, etc., de salas de catequese, reuniões, cartório e outros serviços, acessos, enfim, toda a estrutura dum Templo de grande polivalência.

Entretanto, numa Folha Dominical, o Pároco anunciava: "Os TÍTULOS em distribuição para a Igreja Nova. Estes Títulos exprimem a generosa entrega de cada um para a Obra de Todos. Comece desde já a pedi-los e a juntá-los. Meu Irmão, não espere que o convide! Não haverá serviço de cobrança para os Títulos. Queremos começar as obras em Outubro próximo, mas temos de juntar 1.000 contos. Consigo conseguiremos, sem si nunca conseguiremos. Não duvide: não esteja à espera de subsídios. É consigo e com Todos...!"

Era forte e sincera, mas utópica a aspiração do Padre Leonel de construir uma igreja exclusivamente por uma Fé consciente, generosidade, trabalho e empenho da sua Comunidade, sem recurso à adulação aos abastados ou a "curvar a cerviz" em petições aos poderes instituídos. Todos sabemos que para construção de obras, sobretudo de cariz religioso, a sociedade obriga a transigências, por vezes humilhantes; e nas últimas

décadas do século passado não era nada fácil lutar contra o crescente laicismo oficial, ao tentar-se erguer obras para as coisas de Deus!

O "sonho" do Padre Leonel propagara-se aos seus mais directos colaboradores. Mas... e a maioria da população? Como "sentia" o problema e como reagia ao movimento dos crentes? A Comunidade que pela participação nos actos religiosos se sentia mais "próxima" era ainda "um pequeno rebanho à volta do seu pastor", por si só insuficiente para arcar com a tamanha responsabilidade que lhe era exigida para a consecução da Obra. Para o maior número dos residentes da área paroquial, subsistia a dúvida, certa desconfiança e descrença no êxito do empreendimento, e até alguma oposição com desastrosas consequências.

O tema "Igreja Nova" não está, portanto, esgotado, mas na Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua há assuntos não menos importantes a merecerem desenvolvida referência. Um deles é a Caridade Fraterna que foi a grande linha de força do início da missionação nos Lugares que compõem o território geográfico da Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua.

O GRITO DO PROFETA

PRENDAS



O nascimento do Filho de Deus é uma dádiva total de Deus para nós. Como sinal desta dádiva, ofereçamo-nos também a Ele.

Apresentamos aqui algumas das melhores e mais bonitas ofertas que existem, e que não se podem comprar. Se aceitarem a nossa sugestão, paguem, no máximo, com orgulho.

Ofereçam aos vossos amigos: LEALDADE.

Ofereçam aos vossos inimigos: PERDÃO.

Ofereçam à vossa família: TEMPO.

Ofereçam aos outros: UM BOM EXEMPLO.

Ofereçam aos vossos pais: GRATIDÃO.

Ofereçam a todos: AMOR.

E ofereçam a Jesus Cristo: A VOSSA VIDA.